

Caio Fernando Abreu e as identidades pós-modernas em “Terça-feira gorda” e “Aqueles dois”

Veridiana Mazon Barbosa da Silva*
Alexander Meireles da Silva**

A admissão de uma nova identidade sexual ou de uma nova identidade de gênero é considerada uma alteração essencial, uma alteração que atinge a ‘essência’ do sujeito (LOURO, 2000, p. 7).

Resumo: Este artigo discute a repressão sexual, o preconceito e o desejo homoerótico em dois contos de Caio Fernando Abreu. O trabalho também pretende destacar as características fundamentais da obra desse escritor, para melhor compreensão das questões que serão analisadas nas narrativas. Ainda nesse sentido, é necessário dar ênfase às discussões voltadas ao

* Licenciada em Letras Português/Inglês - Mestranda – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem - Universidade Federal de Goiás (UFG). Bolsista CAPES, sob a orientação do Dr. Alexander Meireles da Silva, participante do grupo de pesquisa L.I.M.E.S. (Literatura e Imaginário, Marginalidade, Estética e Sociedade), vinculado ao projeto de pesquisa “Fronteiras do Fantástico: Leituras da Fantasia, do Gótico, da Ficção Científica e do Realismo Mágico” e a dissertação “Sobre Monstros e Moléstias: o corpo homoerótico na ficção de João do Rio e Caio Fernando Abreu”. E-mail: veridiana-@hotmail.com.

** Professor Doutor - Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus Avançado de Catalão (CAC). Coautor deste artigo e orientador da dissertação acima mencionada, líder do Grupo de Pesquisa L.I.M.E.S. e coordenador do projeto “Fronteiras do Fantástico: Leituras da Fantasia, do Gótico, da Ficção Científica e do Realismo Mágico”. E-mail: prof.alexms@gmail.com.

processo de marginalização empreendido por uma sociedade conservadora, repressora, moldada em padrões heteronormativos, e que evidencia cada vez mais em seus discursos estereótipos preestabelecidos no que concerne aos homossexuais, demonstrando assim, que o preconceito continua arraigado.

Palavras-chave: Preconceito - Caio Fernando Abreu - Homossexuais

Abstract: This article discusses the sexual repression, prejudice and homoerotic desire in two short stories by Caio Fernando Abreu. This work also aims to highlight the key features of this writer's work, in order to a better understanding of the issues discussed in narratives. Even in this sense, it is necessary to give emphasis to the discussions focused on the marginalization process undertaken by a conservative society, repression, shaped into heteronormative patterns, and that increasingly evident in his speeches pre-set stereotypes regarding homosexuals, thus demonstrating, that prejudice remains entrenched.

Keywords: Prejudice - Caio Fernando Abreu - Homossexuais

Introdução

A temática homoerótica é o eixo central das narrativas do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu. Através de seus personagens, este autor ligado ao momento finissecular da virada do século vinte para o século vinte e um pretende denunciar e desmascarar a repressão, conservadorismo e preconceito da sociedade contemporânea. Este artigo visa problematizar, por meio da análise de dois contos, questões de repressão, homoerotismo e violência tanto física, como ocorre em "Terça-feira gorda" (1982), demonstrando como Caio utiliza elementos da chamada literatura pós-moderna para problematizar o corpo homoerótico.

Apesar dos personagens homossexuais no conto "Aqueles dois" se mostrarem discretos e de certa forma reprimidos, este comportamento não os impediu de sofrerem punições e julgamento em todos

os momentos e sob todos os aspectos. Já no conto "Terça-feira gorda", os personagens não têm medo de se assumir e enfrentar a sociedade, por isso, são vítimas de violência física, sendo que um deles paga com a própria vida pelo simples fato de ser homossexual.

A leitura da obra de Caio Fernando Abreu evidencia a observação de Guacira Lopes Louro (2001) sobre o questionamento político-cultural das últimas décadas do século vinte realizado por diversas minorias em busca de espaço para a veiculação de suas identidades. O autor de **O ovo apunhalado** (1975), **Morangos mofados** (1982), **Onde andaré Dulce Veiga** (1990), dentre outros contos, novelas e crônicas, marcou sua escrita pela utilização de temas e de estilo que, como coloca Marcelo Bessa (2006, p. 5) o levou a ser considerado um escritor maldito por parte da crítica literária. Cabe destacar a este respeito que ao ser perguntado sobre a recepção de sua obra o próprio escritor gaúcho respondia que: "Eu não sou pesado, mas sim a realidade" (BESSA, 2006, p. 5).

A pesada realidade a qual Caio faz menção é representada em sua obra por novas experiências literárias, exemplificadas pela releitura de temas tradicionais e a incorporação de outras linguagens. Dentre os vários pontos que poderiam ser explorados aqui, optou-se neste trabalho falar de como Caio Fernando Abreu aborda a questão do homoerotismo de maneira sutil e sem estereótipos, buscando assim levar o leitor a refletir sobre a realidade destes seres marginalizados e reprimidos. Nos contos aqui propostos para análise, "Terça-feira gorda" (1982) e "Aqueles dois" (1982), ambos publicados na obra **Morangos mofados**, o leitor se depara com personagens que enfrentam uma crise de identidade, alinhando-os assim com o próprio *zeitgeist* da contemporaneidade. Sobre este aspecto, como Bauman coloca: "as 'identidades' flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta" (BAUMAN, 2005, p. 19), fazendo com que, muitas vezes, os indivíduos adotem

uma postura ou um comportamento somente para serem aceitos ou situados em determinado ambiente, como ocorre, por exemplo, em “Aqueles dois”. Percebe-se aqui o conflito estabelecido no seio do próprio ambiente pós-moderno, onde “situar o sujeito é reconhecer diferenças- de raça, sexo, classe, orientação sexual” (HUYSSSEN, 1986, p. 213). Mas, afinal de contas, o que se pretende tomar aqui como Pós-Modernismo?

Quando Susan Sontag chamou a atenção na obra *Against Interpretation* (1966), para uma “nova sensibilidade” (apud STOREY, 1998, p. 147, tradução nossa) envolvendo as mudanças culturais no ambiente *fin-de-siècle* e os limites do Modernismo ela estava celebrando a ascensão do Pós-Modernismo e seu desafio aos limites estabelecidos entre a “alta” e “baixa” cultura. Propagandas, filmes, música *pop* e outras expressões da cultura de massa foram retirados do reino do mero escapismo e do entretenimento e passaram a ser abordados com a seriedade da arte. Esta subversão foi promovida principalmente por setores marginais da sociedade, que viram na apropriação dos produtos da indústria cultural uma ferramenta de crítica ao discurso canônico. Assim, questões de gênero e de raça levantadas por mulheres, negros, imigrantes e homossexuais entraram na ordem do dia. No processo de abordagem destas realidades, estratégias narrativas foram resgatadas ou desenvolvidas visando dar forma a reivindicação da heterogeneidade.

No caso de Caio Fernando Abreu, o homoerotismo presente na obra do autor expõe a intolerância dos valores heterossexuais e retrata o descaso em relação às minorias. Nas palavras de Luana Teixeira Porto (2005) sobre o autor de “Terça-feira gorda”: “a temática da sexualidade e do homoerotismo do escritor gaúcho conduz o leitor a uma reflexão sobre valores morais e culturais legitimados num espaço em que o ‘diferente’ passa a não ter aceitação, tornando-se um indivíduo marginalizado” (PORTO, 2005, p. 47). Ainda sobre este

fato, Marilena Chauí (1991, p. 156) afirma que na sociedade brasileira "a moralização do sexo", é estabelecida pela família e pelo trabalho, que são controlados e regulados pelo Estado, numa ligação entre controle sexual e controle estatal, uma vez que a super-repressão, inclusive a sexual, se enquadra como um "conjunto de restrições e imposições que têm como finalidade obter e conservar a dominação. É um fenômeno sócio-político."

Neste aspecto, chama a atenção como a obra de Caio Fernando Abreu, que sempre utilizou a literatura para desmistificar essa questão do indivíduo em relação aos estereótipos propostos pela sociedade adquiriu uma nova dimensão com a chegada da AIDS. Além disso, outra temática recorrente no autor se refere a AIDS. Considerando que os contos analisados fazem parte da coletânea publicada em 1982, período em que estima-se a doença tenha aportado no Brasil, a escrita de Caio contribui para a popularização do chamado "câncer gay" e o homossexual foi visto como o disseminador desse mal:

(...) imagens de pessoas com AIDS criadas pela mídia e pelos fotógrafos de arte de maneira semelhante são aviltantes e são sobredeterminadas por muitos preconceitos que as precedem em relação à maioria de pessoas que têm AIDS — gays, usuários de drogas injetáveis, negros, pobres (CRIMP, 1992, p. 125).

Com a AIDS e sua associação inicial com os homossexuais, legitimou-se um discurso histórico de raízes religiosas medievais na qual o ser homossexual era um pecador que, como tal, deveria ser exposto, perseguido e segregado. "Por causa de tais crimes [sodomia] existe fome, terremotos e pestilências" (RICHARDS, 1994, p. 136, tradução nossa), declarou o imperador Justiniano (522-565 A.D.), ao estabelecer a pena de morte para os homossexuais. Diante desta realidade as narrativas do autor de "Aqueles dois" permitem que o indivíduo reprimido se questione a respeito da sua "condição de

estar no mundo (do EU)", enquanto sujeito consciente dos padrões preestabelecidos que deve adotar no seu cotidiano para conviver e ser aceito numa sociedade heterocêntrica. No que concerne a essa questão, Bruno de Sousa Leal (2002) define o "EU" como, "é um Eu ex-cêntrico, está a margem do mundo tradicional, heterossexual, católico, classe média" (LEAL, 2002, p. 86).

Ao se discutir a ex-centricidade do sujeito no Pós-Modernismo, todavia, deve-se ter em mente a própria ex-centricidade do contemporâneo. Em relação a isto, Saviani (1992-1997) comenta que reconhece no Pós-moderno tão somente efeitos de uma época de "fragmentação" de identidades e "superficialidade", período de "decadência de cultura", Marilena Chauí afirma que

A religião, a culinária, o vestuário, o mobiliário, as formas de habitação, os hábitos à mesa, as cerimônias, o modo de relacionar-se com os mais velhos e os mais jovens, com os animais e com a terra, os utensílios, as técnicas, as instituições sociais (como a família) e políticas (como o Estado), os costumes diante da morte, a guerra, o trabalho, as ciências, a Filosofia, as artes, os jogos, as festas, os tribunais, as relações amorosas, as diferenças sexuais e étnicas, tudo isso constitui a Cultura como invenção da relação com o Outro (CHAUÍ, 2000, p. 376).

Enfim, seria mais uma forma ardilosa da produção ideológica pós capitalista para encobrir a percepção dos homens a respeito do desenvolvimento histórico e nesse aspecto a escrita do autor gaúcho problematiza a identidade, o que muitas vezes resulta na desfragmentação de modelos identificatórios na busca de expansão das formas de relacionamento com o outro. Não é à toa, portanto, que a identidade móvel seja um tema tão recorrentemente abordado por este escritor com o propósito de desconstruir visões estabelecidas de comportamentos sociais. Conforme diz Guacira Lopes Louro a respeito de identidades:

Somos sujeitos de muitas identidades. Essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais (LOURO, 2000, p. 6).

Diante dessas considerações a respeito do escritor gaúcho e da conjuntura pós-moderna de sua escrita, surge assim, a necessidade de resgatar neste estudo um pouco de sua contística que expressa, retrata e relata com sensibilidade e sofisticação, nesse caso, experiências de personagens homossexuais masculinos, que se encaixam no grupo dos marginalizados nessa sociedade ocidental patriarcal e heteronormativa, reforçando o aspecto identitário na pós-modernidade e propondo um olhar reflexivo sobre o que Giddens chama de "sexualidade plástica", "descentralizada", liberta das necessidades de reprodução" (GIDDENS, 1993, p.10).

Verifica-se que Caio adota uma postura ideológica anticonservadora que dá voz aos marginalizados representados por personagens homossexuais que vêm, não para repudiar a prática do homossexualismo, mas sim para problematizar o culto da sexualidade "diferente" inserida numa sociedade mascarada e preconceituosa. Diante dessa perspectiva, partimos para a análise dos contos "Terça-feira gorda" e "Aqueles dois", procurando explicitar como a repressão sexual, o preconceito e o desejo homoerótico são representados através de personagens homossexuais que encaram a vida de maneiras distintas.

"Terça-feira gorda"

"Terça-feira gorda" tem como enredo uma história de amor e desejo entre dois homens que se conhecem numa bela noite de Car-

naval e logo sentem-se atraídos um pelo outro e o desejo se torna incontrolável. O conto é narrado em primeira pessoa:

Eu queria aquele corpo de homem sambando bonito ali na minha frente. Eu disse eu quero você também. Mas quero agora já neste instante imediato, ele disse e eu repeti quase ao mesmo tempo também, também eu quero. Sorriu mais largo, uns dentes claros. Passou a mão pela minha barriga. Passei a mão pela barriga dele. Apertou, apertamos. As nossas carnes duras tinham pêlos na superfície e músculos sob as peles morenas de sol (ABREU, 2005, p. 57).

É possível observar através não só deste conto, mas de vários outros do autor que a maioria dos personagens homossexuais não apresenta características femininas, demonstrando com isso, que Caio Fernando Abreu pretende dar destaque ao relacionamento homoafetivo entre dois homens, sem que um deles precise necessariamente representar um papel feminino, como já é esperado em relações homossexuais. Chama a atenção também a ênfase dado na apresentação da atração dos dois homens, alternado agressividade e ternura no imediatismo do desejo do sexo pelo sexo, o que contraria e subverte a ideologia cristã da função exclusivamente reprodutora dado ao ato sexual. Esta subversão se evidencia na menção a dois elementos físicos: os dentes, simbolicamente ligada a agressividade, a virilidade, a tomada de posse (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1997, p. 330) e ao contato com a barriga, local de ternura e de proteção (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1997, p. 937).

No que se refere ao movimento dos corpos e a sensualidade observada e descrita nos gestos dos personagens, fica evidente o desejo, a vontade e a atração que um sente pelo outro em uma descrição que muito remete a um ritual empreendido por bacantes:

Havia o movimento, a dança, o suor, os corpos meu e dele se aproximando mornos, sem querer mais nada além daquele

chegar cada vez mais perto. Na minha frente, ficamos nos olhando. Eu também dançava agora, acompanhando o movimento dele. Assim: quadris, coxas, pés, onda que desce, olhar para baixo, voltando pela cintura até os ombros, onda que sobe, então sacudir os cabelos molhados, levantar a cabeça e encarar sorrindo (ABREU, 2005, p. 56-57).

Diante disso, este conto aborda o viés homoerótico como forma de incentivar discussões e opiniões a respeito do espaço referente ao homossexual que vive nessa sociedade repressora e preconceituosa. Com a fragmentação e a superficialidade das identidades, é necessário que se reflita a questão do sujeito considerado "diferente" e da aceitação ou não desse indivíduo. Através do conto, é possível verificarmos como o preconceito, a repressão sexual e a discriminação se fazem presentes em dois momentos. Na primeira cena, logo após o casal trocar carícias em público: "Ai-ai alguém falou em falsete, olhas as loucas, e foi embora. Em volta, todos olhavam" (ABREU, 2005, p. 57). Logo depois, a agressão passa a ser física, deixando de ser simbólica:

Nos empurravam em volta, tentei protegê-lo com meu corpo, mas ai-ai repetiam empurrando, olha as loucas, vamos embora daqui, ele disse. E fomos saindo colados pelo meio do salão, a purpurina da cara dele cintilando no meio dos gritos (ABREU, 2005, p. 58).

Mais do que palavras agressivas, o uso do termo "loucas" pelos presentes no salão identifica o papel atribuído a estes dois seres que, aos olhos daqueles ao seu redor, são insanos por não seguirem sua natureza biológica. Não se pode deixar de notar aqui os pontos de contato com a ideia de biopoder foucaultiana, no qual a sociedade regula o corpo de seus membros. Partindo desses pressupostos, percebe-se de um lado como o preconceito está arraigado na sociedade, ficando evidente a intolerância através do uso de palavras duras e cruéis, que são usadas com a intenção de provocar feridas e mágoas nesses personagens que representam os indivíduos marginalizados

da nossa sociedade que lutam pela sua liberdade e pelo gozo de seus direitos. Por outro lado, porém, demonstra o caráter da literatura pós-moderna em dar voz ao marginal, deslocando assim o poder de narrar para o oprimido, permitindo-o marcar seu espaço de denuncia.

Não se pode deixar de comentar a importância do Carnaval para a história enquanto momento no qual as pessoas se liberam e se entregam a intenção de aproveitar ao máximo aquele momento onde o uso de máscaras e a exposição do corpo é comum, “é um corpo que chama o outro, tornando-se sempre alusivo do ato sexual, da forma mais essencial de confusão e ambigüidade do grotesco” (DAMATTA, 1997, p. 140), facilitando assim, a diversão sem aquela preocupação em relação ao julgamento de comportamentos e atitudes adotadas, de acordo com del Priore (2011), “tanto o carnaval quanto as festas religiosas convidavam a excessos em que a sexualidade não se escondia” (DEL PRIORE, 2011, p. 147). Porém, os personagens deste conto não usam máscaras, literais e metafóricas, o que demonstra a total despreocupação de ambos no que se refere a sua condição sexual, preferindo enfrentar o preconceito e pagar o alto preço por serem “diferentes”, como se observa na fala do narrador, “Foi então que percebi que não usávamos máscaras. Lembrei que a dor é a única emoção que não usa máscara” (ABREU, 2005, p. 58). O fato de não se esconderem atrás de máscaras ocasionou na morte de um dos personagens, pois esta é a consequência quando se encara uma sociedade violenta e preconceituosa, por isso, a presença da máscara é necessária quando se deseja viver livre dos rótulos e julgamentos. Como o personagem resume a situação:

Fechando os olhos então como um filme contra as pálpebras, eu conseguia ver três imagens se sobrepondo. Primeiro o corpo suado dele sambando, vindo em minha direção. Depois a Plêiades, feito uma raquete de tênis suspensa no céu lá em cima. E finalmente a queda lenta de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos (ABREU, 2005, p. 59).

A partir destas três imagens ligadas ao divino indicando os momentos da narrativa: o suor, como sinalizador do espírito da vida, as Plêiades, remetendo a dança celestial e o figo, associado a abundância, que ao se arrebetar no conto indica uma vida plena que se esvai, reforça o uso de Caio Fernando Abreu do carnaval como uma festividade que proporciona e leva os indivíduos a se entregarem a prazeres e desejos reprimidos onde, "a norma do recato é substituída pela 'abertura' do corpo ao grotesco e às suas possibilidades como alvo de desejo e instrumento de prazer" (DAMATTA, 1997, p.140).

"Aqueles Dois"

Em "Aqueles dois", ao contrário do conto anterior, os personagens são tímidos e discretos quando o assunto é sexualidade. O conto é narrado em terceira pessoa, demonstrando assim, um tom subjetivo e ambíguo. A relação entre Raul e Saul, colegas de trabalho em uma repartição, é discreta e sutil, evoluindo somente quando descobrem gostos em comum em relação a músicas, filmes, passando, então, a ver um no outro a solução para solidão que tanto os atormenta:

Passaram no mesmo concurso para a mesma firma, mas não se encontraram durante os exames. Foram apresentados no primeiro dia de trabalho de cada um. Disseram prazer, Raul, prazer, Saul, depois como é mesmo o seu nome? sorrindo divertidos da coincidência. Mas discretos, porque eram novos na firma e a gente, afinal, nunca sabe onde está pisando (ABREU, 2005, p. 133).

Tomando a firma como um microcosmo da sociedade, Caio apresenta a aproximação gradual de duas pessoas cuja relação se inicia pelo "prazer", termo perigoso para grupos opressores por estar relacionado aos impulsos básicos humanos e, por isso, subversores do *status quo*. Após isso, os laços de amizade se estreitam quando os dois percebem as afinidades em comum, e quando deram por si

estavam saindo juntos para um barzinho para discutirem como as pessoas que trabalhavam naquela repartição (sociedade) eram fúteis e vazias, totalmente sem objetivos, não se preocupavam em alçar vôos maiores, diferente daqueles dois, que ao contrário dos outros, não eram desprovidos de alma. Não a toa, como Caio destaca na sua menção a símbolos não-cristãos: “desde o princípio alguma coisa - fados, astros, sinas, quem saberá? - conspirava contra (ou a favor, por que não?) aqueles dois” (ABREU, 2005, p. 133).

Raul e Saul tinham muito em comum, ambos não foram felizes em seus relacionamentos anteriores, ambos não tinham ninguém, nenhum parente e moravam sozinhos. Eles tinham somente a si próprios, ambos eram extremamente discretos em seu comportamento e atitudes, e nenhum deles apresentava traços estigmatizados que poderiam denunciar uma provável orientação homossexual, Raul e Saul

eram bonitos juntos, diziam as moças, um doce de olhar. Sem terem exatamente consciência disso, quando juntos os dois aprumavam ainda mais o porte e, por assim dizer, quase cintilavam, o bonito de dentro de um estimulando o bonito de fora do outro e vice-versa. Como se houvesse, entre aqueles dois, uma estranha e secreta harmonia (ABREU, 2005, p. 134).

Dentro da repartição onde trabalhavam, os outros funcionários eram considerados como pessoas desprovidas de alma e foi justamente a partir dessa definição que houve uma aproximação entre Raul e Saul, pois ambos concordavam com essa afirmação. Enquanto obra pós-moderna, destaca-se aqui a importância para o conto do intertexto estabelecido entre o texto literário e o filme **Infâmia** (1961), do diretor William Wyler baseado na peça **The Children's Hour** (1934), de Lillian Hellman. Sinalizando a importância da arte como elemento que aproxima almas em comum, o filme que Saul assistiu na madrugada e que o levou a chegar atrasado ao trabalho é o gatilho

inicial do relacionamento dos dois, se colocando também como um *foreshadowing* dentro da estrutura do conto:

que filme? *Infâmia* [The children's hour", de William Wyler. Adaptação da peça de Lillian Hellmann]. Saul contou baixo, Audrey Hepburn, Shirley MacLaine, um filme muito antigo, ninguém conhece. Raul olhou-o devagar, e mais atento, como ninguém conhece? eu conheço e gosto muito, não é aquela história das duas professoras que. Abalado, convidou Saul para um café, e no que restava daquela manhã muito fria de junho, o prédio feio mais do que nunca parecendo uma prisão ou clínica psiquiátrica, falaram sem parar sobre o filme.

Marcando a posição da firma como uma "prisão ou clínica psiquiátrica", o imediatamente traz a mente o **Vigiar e punir** (1975), de Michel Foucault, Caio mostra o temor de Raul até mesmo de conversar sobre o filme, interrompendo a frase no meio. De fato, semelhante a "Aqueles dois", a adaptação da peça de Lillian Hellman, o filme conta a história de duas professoras norte-americanas que são acusadas, por uma das alunas, de manter uma relação homoerótica e de molestar estudantes. O enredo foca no crescente escândalo que atinge toda a comunidade, com repercussões inesperadas e trágicas.

Aos poucos, aqueles dois foram percebendo que tinham muitos pontos em comum além do amor pelo Cinema e, então, passaram a se encontrar com mais frequência dentro e fora da repartição. Os fins de semana começaram a ficar insuportáveis devido à ausência do outro e aos poucos foram se apaixonando:

Raul disse qualquer palavra como eu não tenho mais ninguém no mundo, e Saul outra coisa como você tem a mim agora, e para sempre. Usavam palavras grandes-ninguém, mundo, sempre- e apertavam-se as duas mãos ao mesmo tempo, olhando-se nos olhos injetados de fumo e choro e álcool (ABREU, 2005, p. 139).

Os personagens sentem-se atraídos, porém o medo da não aceitação os faz refletir se aquele é o momento certo para iniciar um romance. Eles até fizeram planos para uma viagem de férias, mas não contavam com o fato de que seriam demitidos assim que retornassem das festas de fim de ano. Esse acontecimento só reafirma a existência e a força do preconceito, nesse caso, por parte do chefe, que anunciou a demissão sem qualquer culpa ou ressentimento, pois:

tinha recebido algumas cartas anônimas. Recusou-se a mostrá-las. Pálidos, os dois ouviram expressões como “relação anormal e ostensiva”, “desavergonhada aberração”, “comportamento doentio”, “psicologia deformada”, sempre assinadas por Um Atento Guardião da Moral. Saul baixou os olhos desmaiados, mas Raul levantou de um salto. Parecia muito alto quando, com uma das mãos apoiadas no ombro amigo e a outra erguendo-se atrevida no ar, conseguiu ainda dizer a palavra nunca, antes que o chefe, depois de coisas como a-reputação-de-nossa-firma ou tenho-que-zelar-pela-moral-de-meus-funcionários, declarou frio: os senhores estão despedidos (ABREU, 2005, p. 140).

Raul e Saul são julgados e condenados por todos os colegas e pelo chefe da repartição. Apesar disso, saíram dali felizes e realizados e com pena daqueles que ali permaneceriam, pois pessoas melancólicas, tristes, amargas e preconceituosas só poderiam ser “infelizes para sempre”:

[p]elas tardes poeirentas daquele resto de janeiro, quando o sol parecia a gema de um enorme ovo frito no azul sem nuvens do céu, ninguém mais conseguiu trabalhar em paz na repartição. Quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram (ABREU, 2005, p. 140).

Diante deste cenário, o que se observa no conto é a presença de uma violência simbólica, ao contrário do conto “Terça-feira gorda”, marcado pela presença da violência física. Ambos os tipos de violên-

cia são reflexos de uma sociedade intolerante, mascarada, repressora e preconceituosa. Uma questão interessante é a de que em "Aqueles dois", o uso de máscaras é uma característica que representa a sociedade, no caso, as pessoas que trabalham naquela repartição. As máscaras disfarçam um aspecto conservador e repressor de indivíduos que se julgam democraticamente "liberais", pois a elite branca e heterossexual acusa os homossexuais de transgressores das regras sociais e morais, mas, muitas vezes a elite se utiliza do recurso das máscaras para esconder esse traço tão evidente da sociedade: o lado preconceituoso e violento. De fato, através destes textos, Caio Fernando Abreu pretende denunciar o comportamento da sociedade contemporânea diante daqueles que optam por seguir suas vontades e impulsos, além daqueles impostos pelas instituições sociais e religiosas. Nesta perspectiva, os seus personagens agem como espelhos que revelam aos que os cercam o que está escondido dentro deles.

Considerações finais

Apesar dos personagens homossexuais no conto "Aqueles dois" se mostrarem discretos e de certa forma reprimidos, este comportamento não os impediu de sofrerem punições e julgamento em todos os momentos e sob todos os aspectos. Já no conto "Terça-feira gorda", os personagens não têm medo de se assumir e enfrentar a sociedade, por isso, são vítimas de violência física, sendo que um deles paga com a própria vida pelo simples fato de ser homossexual. A leitura das duas narrativas aponta que dentro da pós-modernidade a reivindicação por meio de movimentos militantes tem ganhado cada vez mais espaço e o resultado dessa luta constante se baseia na conquista de alguns direitos que perante a essa sociedade repressora e detentora do poder em relação aos sujeitos que ocupam o entre-lugar. Por isso, é de grande valia que a luta contra uma sociedade homofóbica continue para que os direitos conquistados contribuam na marcha a

favor do respeito e da diversidade e contra o preconceito e o desrespeito declarado aos homossexuais.

Com esta breve análise dos contos “Terça-feira gorda” e “Aqueles dois” buscou demonstrar que a obra do escritor Caio Fernando Abreu vem contribuindo para a discussão da temática homoerótica tanto no âmbito literário nacional, ainda majoritariamente marcado pelo silêncio desta realidade quanto no âmbito social. As suas narrativas alertam para a necessidade de vigilância quanto aos problemas da imposição de regras e condutas sociais de uma sociedade vista como heteronormativa e intolerante. Através da linguagem utilizada por Caio, é possível refletir e repensar de que maneira a cultura homofóbica enxerga os homossexuais e permite que estes revelem, ou não, sua verdadeira identidade, pois para Woodward (2000), as “identidades adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais eles são representados” (WOODWARD, 2000, p. 8).

Referências

- ABREU, Caio Fernando. **Morangos Mofados**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BESSA, Marcelo Secron. Prefácio. In: ABREU, Caio Fernando. **Melhores Contos**. São Paulo: Global, 2006. p.5-10. (Coleção melhores contos).
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual**. Essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- CHEVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Trad. Vera da Costa e Silva, *et al.* 11ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DEL PRIORE, Mary. **Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GIDDENS, Antony. **A transformação da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

HUYSEN, Andreas. **After the great divide: modernism, mass culture, postmodernism**. Bloomington, Indiana University Press, 1986.

LEAL, Bruno Sousa. **Caio Fernando Abreu, a metrópole e a paixão do estrangeiro: contos, identidades, e sexualidade em trânsito**. São Paulo: Annablume, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogia da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – Um política pós-identitária para a educação. In: **ESTUDOS FEMINISTAS**. Vol.9 n°2, 2001. p. 541-553. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9635>. Acesso em 26 de maio de 2012.

PORTO, Luana Teixeira. **Morangos Mofados, de Caio Fernando Abreu: fragmentação, melancolia e crítica social**. 2005, 162 p. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SAVIANI, D. **Educação e questões da atualidade**. São Paulo: Cortez-Tatu, 1992.

SAVIANI, D. **O debate teórico e metodológico no campo da história e sua importância para a pesquisa educacional**. In: História e história da educação. Campinas, 1997.

STOREY, John. Postmodernism and Popular Culture. In: SIM, Stuart. (Ed.). **The Routledge Companion to Postmodernism**. London: Routledge, 1998, p. 147-157.

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.